



## IRÃ

Em discurso a paramilitares, o aiatolá Ali Khamenei saudou a "coragem" na violenta contenção dos protestos causados pela morte de mulher espancada por não usar o véu islâmico de forma adequada

# Elogio à repressão

» RODRIGO CRAVEIRO

Desordeiros, marginais e inimigos. O aiatolá Ali Khamenei, líder supremo do Irã, pronunciou essas três palavras para referir-se aos manifestantes que tomaram as ruas das principais cidades do país após a morte de Mahsa Amini. Em 16 de setembro passado, a mulher iraniana de 22 anos entrou em coma e não resistiu, três dias depois de ser espancada por homens da *Gasht-e-Ershad* — a "polícia da moral", unidade das forças de segurança que fiscaliza o cumprimento do código de vestimenta islâmico no país. Mahsa foi acusada de não usar, de forma apropriada, o hijab (véu islâmico). As manifestações se espalharam, e várias mulheres chegaram a ser filmadas ou fotografadas retirando o traje da cabeça e queimando-o.

Durante discurso a uma multidão de voluntários da Basij, em Teerã, Khamenei elogiou a força paramilitar leal ao regime teocrático islâmico. "Ao enfrentar o inimigo no campo de batalha, a Basij sempre mostrou-se corajosa, sem medo", disse. "Vocês viram que, nos mais recentes eventos, nossos inocentes e oprimidos Basijs tornaram-se alvos da opressão para que não permitissem que a nação virasse alvo de desordeiros e marginais. (...) Eles se sacrificaram para libertar os outros", acrescentou.

Até o fechamento desta edição, pelo menos 416 pessoas, incluindo 51 crianças, foram mortas pelas forças de segurança durante os protestos, de acordo com a organização não-governamental Iran Human Rights, sediada em Oslo (Noruega). A indignação ante a reação desproporcional do regime se espalhou por vários países e tomou os estádios de futebol do Catar, durante as partidas da seleção do Irã pela Copa do Mundo.

Em entrevista ao **Correio**, Ali-reza Nader — especialista sobre o Irã em Washington — avaliou

como "desprezível" o discurso do aiatolá Khamenei e advertiu: "A República Islâmica declarou guerra ao povo iraniano". De acordo com ele, o regime de Teerã respondeu aos protestos com força bruta. "O aparato repressivo matou e feriu milhares, enquanto prendeu muitos mais. Uma prova de que esse regime nunca mudará e, por isso, precisa ser derrubado pelo povo. Embora brutal, o regime está bastante vulnerável e fraco. Este é o começo do fim do regime. As pessoas no Irã sabem disso", comentou.

### Revolução

Morada de Teerã, Shima S., 29 anos, disse à reportagem que a retórica de Khamenei "não é nova" para os iranianos. "Durante 43 anos, ele tem chamado a oposição e os representantes de outras nações de inimigos. A repressão é a única ferramenta dele para resolver problemas internos", denunciou. "Por causa desse comportamento, a única coisa que os iranianos querem é uma revolução, para mudarmos o regime. O governo islâmico precisa acabar e ser substituído por uma autoridade democrática, após referendo. O povo se levantou." Segundo Shima, a primeira revolução ocorreu nas mentes e nos corações das pessoas.

Há nove dias, iranianos atearam fogo à casa onde nasceu o aiatolá Ruhollah Khomeini (1902-1989), fundador da República Islâmica, na cidade de Khomeini, província de Markazi. Em seu discurso, ontem, o imediato sucessor, Khamenei, também advertiu que negociar com os Estados Unidos não encerrará os distúrbios, sob a alegação de que Washington sempre exigirá mais. "O problema não são quatro desordeiros na rua, embora todos os desordeiros, todos os terroristas devam ser punidos... O campo de batalha é muito maior. O principal inimigo é a arrogância global", disse, em referência aos EUA e aliados.

Khamenei/IR/AFIP



Ali Khamenei saúda voluntários das forças Basij, milícia paramilitar leal ao líder supremo iraniano, em Teerã

Ed Alves/CB/D.A Press

### Depoimento

## "Processo pacífico foi sequestrado"

"A atual situação começou com a trágica morte de Mahsa Amini, que foi alvo de atenção não apenas da sociedade, mas também das autoridades de mais alto nível iranianas e de várias orientações políticas. O próprio presidente (Ebrahim Raisi) se envolveu e a discussão central foi sobre como acomodar as demandas das pessoas por melhorias nos procedimentos e reformas reais. Ele enfatizou que o governo está totalmente pronto para escutar as reclamações dos manifestantes. Mas, então, esse processo pacífico e civilizado foi sequestrado por alguns elementos violentos e por seus partidários estrangeiros para a ilusão da desintegração de nosso sistema político.

Agora, e depois de dois meses, a maioria da população iraniana pressiona, legitimamente, o governo e as forças de segurança para restaurarem a ordem e a segurança em várias áreas afetadas. Empresas têm sido gravemente impactadas em um país que já está sob sanções unilaterais injustas dos Estados Unidos. Além disso, a segurança de nossas áreas fronteiriças corre o risco de ser prejudicada. Lembremos de que os elementos terroristas do Daesh



(Estado Islâmico) estão ativos em ambos os lados de nossas fronteiras orientais e ocidentais, e seu desejo é o de cometerem assassinatos em massa, como fizeram em Shiraz, em 26 de outubro (um atentado contra uma mesquita, que deixou 13 mortos).

A paz, a segurança, o diálogo, a reforma, o desenvolvimento e a ordem jurídica caminham juntos. Qualquer coisa que seja diferente disso não leva a lugar nenhum, a não ser o saciamento dos arqu inimigos do Irã."

Hossein Gharibi, embaixador do Irã no Brasil

## » ENTREVISTA | OLEKSANDRA MATVIICHUK | Nobel da Paz

# "Jamais deixaremos que a 'grande fome' se repita"

Chefe da organização não governamental Centro pelas Liberdades Cívicas (CCL), uma das ganhadoras do Prêmio Nobel da Paz em 2022, a ativista ucraniana Oleksandra Matviichuk, 39 anos, repetiu o ritual de milhões de ucranianos. Ontem, em uma noite escura na capital, Kiev, afetada pelos bombardeios russos à infraestrutura energética e civil, ela acendeu uma vela para marcar os 90 anos do Holodomor e homenagear os 3,5 milhões de compatriotas mortos durante a "grande fome" imposta deliberadamente pelo regime de Josef Stálin — entre 1932 e 1933, o líder soviético lançou uma campanha de "coletivização" forçada e apreendeu toneladas de grãos e de outros alimentos.

Em entrevista exclusiva ao **Correio**, por telefone, Oleksandra afirmou que o povo da Ucrânia luta pela própria liberdade e enviou um recado: "Jamais deixaremos que essa história e essa tragédia se repitam". A advogada e ativista de direitos humanos garantiu que há evidências suficientes para julgar o presidente da Rússia, Vladimir Putin, e seus altos assessores e comandantes por crimes de guerra. Ela também falou sobre as expectativas da população ante a chegada do rigoroso inverno, na próxima quinta-feira, e assegurou que Putin "perdeu a guerra". Oleksandra e sua equipe documentaram mais de 21 mil crimes de guerra na Ucrânia.

### Como as memórias do Holodomor se refletem nesses tempos de guerra, na Ucrânia?

O Dia do Memorial às Vítimas do Holodomor é sempre especial para nós, ucranianos. O poder soviético organizou uma fome artificial. Milhões de ucranianos morreram, em meio a uma imensa dor. Isso foi possível porque a Ucrânia perdeu sua independência entre 1918 e 1919 e foi anexada à União Soviética. Agora, estamos lutando por nossa liberdade e jamais deixaremos que essa história e essa tragédia se repitam.

### Com base em todas as evidências coletadas por sua ONG, há

### elementos suficientes para julgar Putin por crimes de guerra?

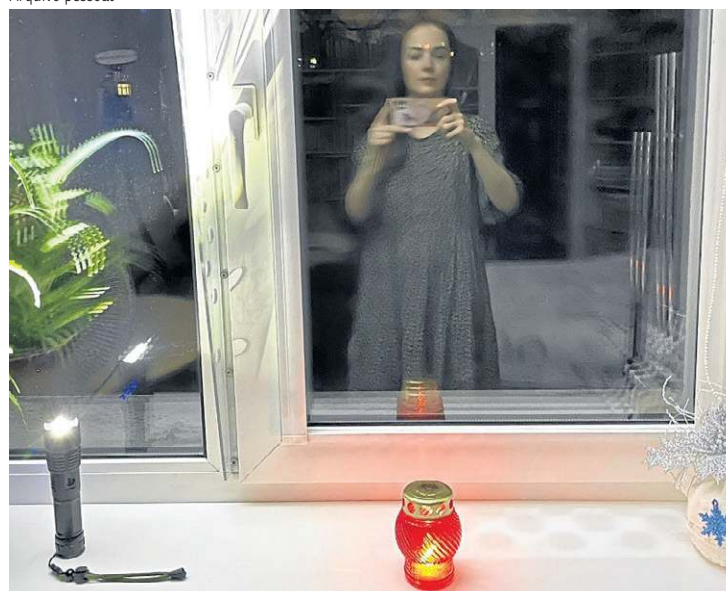
Nós temos várias evidências de que Putin, outras lideranças políticas de alto escalão e comandantes militares são os responsáveis por crimes de guerra cometidos por soldados na Ucrânia. O último exemplo são os bombardeios aéreos organizados pelos russos para alvejarem, de forma deliberada, a infraestrutura civil crítica em diferentes cidades, a fim de privar milhões de cidadãos de terem acesso à água, ao sistema de aquecimento, à eletricidade, à internet, à telefonia celular e a outras coisas básicas que ajudam as pessoas a sobreviverem

durante o inverno. Putin e outros políticos descreveram, de forma pública, os reais objetivos desses ataques a alvos civis. Eles afirmaram que pretendem forçar a Ucrânia a concordar com as demandas de Moscou. Isso é um crime de guerra bastante visível.

### Na próxima quinta-feira, o inverno começará na Ucrânia. Como vocês se preparam para enfrentá-lo?

Nós esperamos tempos muito duros, mas temos certeza de que atravessaremos essa fase com dignidade. Nos últimos três dias, em muitos bairros de Kiev, inclusive em minha casa, não temos

Arquivo pessoal



eletricidade, calefação ou conexão de celular. Eu vejo como as pessoas ajudam umas às outras. Empresas providas de geradores têm aberto as suas portas para que os moradores carreguem os celulares. Elas também distribuem água quente e chá. Por meio de aplicativos de bate-papo da internet, as pessoas oferecem as próprias casas para quem precisa cozinhar alimentos, caso não tenha acesso à eletricidade. Nós lutamos contra a escuridão. A luz está viva na Ucrânia.

### Em encontro na última sexta-feira com mães e esposas de soldados russos, Putin

### prometeu a vitória na Ucrânia...

Putin já perdeu a guerra. Ele tinha planos de tomar a Ucrânia logo nos primeiros dias da invasão em larga escala, em fevereiro. O problema é que ele subestimou os ucranianos. Agora, ele precisa lidar com as expectativas dos cidadãos russos que desejam ver a Ucrânia ocupada pelas tropas de Moscou. Tenho certeza de que, depois da contraofensiva do Exército russo, que liberou os territórios de Kharkiv, e Kherson, entre setembro e outubro, temos grandes chances de desocupar o território ucraniano. Com o apoio das democracias do mundo, nós suportaremos esses tempos difíceis. (RC)

## VENEZUELA

# Acordo entre Maduro e a oposição

O governo de Nicolás Maduro e a oposição da Venezuela assinaram um acordo, no México, para liberar fundos bloqueados por sanções, ao que os Estados Unidos responderam imediatamente flexibilizando suas restrições petrolíferas contra o país sul-americano. Depois do tratado, que marcou a reativação das negociações após 15 meses de suspensão, o governo do presidente americano, Joe Biden, autorizou a gigante energética Chevron a retomar parcialmente suas atividades de extração de petróleo na Venezuela.

Delegados de Maduro e da oposição concordaram em "fazer todas as gestões com as autoridades e instituições, nacionais e estrangeiras, públicas e privadas, correspondentes para obter recursos legítimos da República que estão congelados no sistema financeiro internacional", para utilizá-los em projetos sociais.

Eles pedem apoio à ONU, incluindo a concepção, estabelecimento e implementação de um único fundo fiduciário para o qual esses recursos iriam "progressivamente", de acordo com o documento. Ainda estão pendentes na mesa questões centrais como as próximas eleições presidenciais, marcadas para 2024, já que a principal exigência da oposição tem sido definir a data e as condições para essas eleições, depois de acusar Maduro de fraudar a votação em 2018.

## OBITUÁRIO



# Irene Cara, cantora de Flashdance

Irene Cara (foto), a cantora e atriz vencedora do Oscar e que cantou as músicas dos filmes de sucesso dos anos 1980 *Fame* e *Flashdance*, morreu aos 63 anos, confirmou sua empresária. O corpo de Cara foi encontrado em sua casa, na Flórida, na sexta-feira, a causa da morte era desconhecida. "Ela era uma alma maravilhosamente talentosa, cujo legado viverá para sempre por meio de sua música e filmes", disse, em nota.

Cara ficou famosa quando cantou a música principal do filme *Fame*, um longa sobre a vida de estudantes de uma escola de artes cênicas de Nova York. A interpretação de Coco Hernandez rendeu-lhe indicações ao Grammy de Melhor Artista Revelação e Melhor Artista Pop Feminina.

Cara coescreveu e cantou a música *Flashdance... What a Feeling* para o filme de sucesso de 1983, de mesmo nome, que retrata a vida de uma aspirante a dançarina interpretada por Jennifer Beale. Com a música a artista norte-americana ganhou um Oscar em 1984 e dois prêmios Grammy.